

Afetar-se: a Pedagogia Afetiva na docência em Música

Comunicação

Thaynara Lima Lessing
Universidade Federal de Santa Maria
thaynaralessing@gmail.com

Resumo: Este trabalho, constitui um recorte de pesquisa concluída que tem por objetivo geral compreender as experiências de professores da área de Música no contexto da docência, envolvendo a Pedagogia Afetiva. Somado a isto, conhecer os processos de formação acadêmico-profissional dos colaboradores no tocante à Pedagogia Afetiva; entender a Pedagogia Afetiva no contexto dos saberes da docência; entender os afetos no contexto da prática pedagógico-musical do professor; e compreender os desencadeamentos da Pedagogia Afetiva para o desenvolvimento musical de estudantes. Metodologicamente, foram realizadas entrevistas narrativas (CLANDININ E CONELLY, 2011) como instrumento de produção de dados, realizadas junto a cinco professores de Música da região central do Rio Grande do Sul, atuantes em diferentes etapas da Educação Básica. Neste artigo, apresentamos um recorte da pesquisa, trazendo reflexões sobre uma das categorias analisadas: *Afetar-se: compreensões em torno da Pedagogia Afetiva*. Como resultados, evidencio que as discussões em torno da Pedagogia Afetiva disparam reflexões e aproximações entre dimensões teórico-práticas do ser docente, considerando aspectos subjetivos e não tangíveis do ensinar e aprender, ainda timidamente discutidos no contexto acadêmico.

Palavras-chave: Educação Musical, Pedagogia Afetiva, Docência em Música.

Introdução

Este artigo deriva de uma pesquisa desenvolvida ao longo de quatro e intensificada nos últimos dois, culminando em uma dissertação de Mestrado em Educação. A temática que embasa esta pesquisa desponta de movimentos reflexivos, imbricados às minhas práticas como professora de Música, acreditando no fazer musical como uma forma de troca afetiva. Como um elemento que se entrelaça aos aspectos pessoais e profissionais da caminhada humana, esta discussão se faz relevante pelo fato de que o afeto é um conjunto de sentimentos inerente e natural ao ser humano. Porém, a partir de pesquisas, concluí que ainda é timidamente investigado no contexto pedagógico-musical, sendo que o fazer musical desperta os afetos e vice-versa.

Isto posto, entendo a Pedagogia Afetiva como um modo de ser, estar e agir na docência em Música, que busca promover uma educação mais humanizada, considerando a

integralidade dos estudantes e contribuindo com o desenvolvimento discente em sua totalidade. Assim, ressalto que os afetos não são um elemento exclusivo à docência em Música, mas essencial para se pensar as trocas realizadas em sala de aula. A partir disto, busca-se compreender as experiências de professores da área de Música no contexto da docência, envolvendo a Pedagogia Afetiva.

As histórias de vida desempenham um papel importante para a compreensão da experiência humana, podendo influenciar na forma como percebemos e nos relacionamos com o entorno. No contexto da Pedagogia Afetiva em aulas de Música, conhecer as histórias de vida dos indivíduos pode ser um recurso valioso para a construção de uma metodologia enriquecedora e significativa. Sendo assim, metodologicamente, esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem como instrumento de produção de dados a entrevista narrativa, realizada junto a cinco professores de Música da região central do Rio Grande do Sul, atuantes nas etapas da Educação Básica.

Na pesquisa realizada, a análise de dados foi estruturada a partir de duas categorias: Afetar-se: compreensões em torno da Pedagogia Afetiva; e Um olhar dos professores sobre os Saberes Docentes. Este artigo, que constitui um recorte da pesquisa realizada, apresenta uma das categorias de análise elaborada com base nas narrativas dos colaboradores: *Afetar-se: compreensões em torno da Pedagogia Afetiva*.

Esta pesquisa contribuirá tanto para o campo educacional quanto musical, no sentido de incentivar pesquisadores a investigarem a respeito da Pedagogia Afetiva na docência em Música, atendendo às demandas de outros pesquisadores que se deparam, também, com a escassez de publicações, além de potencializar a discussão no contexto docente em geral.

Pedagogia Afetiva: introduzindo reflexões

É importante ressaltar que a presente pesquisa parte de uma linha de pensamento inédita que venho pesquisando, cuidadosamente, há quatro anos e que, a partir da escrita da dissertação intitulada “A Pedagogia Afetiva na docência em Música: narrativas de professores”, recebe o nome de Pedagogia Afetiva, como uma forma de abordagem pedagógica na docência em Música.

A Pedagogia Afetiva pode ser compreendida como um saber presente na história de vida e formação docente, portanto, é uma pauta que problematizo a partir das narrativas presentes nas entrevistas realizadas. Assim sendo, é importante que compreendamos com

clareza cada faceta que compõe o que defino como Pedagogia Afetiva, a começar pela definição de afetividade.

A afetividade é um estado psicológico humano que pode ser alterado ou não, dependendo das experiências vivenciadas no cotidiano. Algumas pessoas passam por mudanças significativas, enquanto outras não, diante de determinadas situações. Ela se manifesta em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções, ou seja, em todas as esferas da vida. Estreitamente ligada às emoções, a afetividade é capaz de influenciar, e até mesmo determinar, a maneira como as pessoas percebem o mundo e se expressam (LESSING, 2022, p. 38).

Nesse sentido, “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (LA TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992, p. 85). Assim, proponho pensarmos a afetividade no contexto da docência como elemento que pertence e é mobilizado por cada pessoa de diferentes formas, compreendendo que as influências deste estado psicológico podem persuadir os processos de ensino e aprendizagem.

Infelizmente, por vezes, a afetividade ainda é pormenorizada no contexto das práticas educativas. A causa pode estar relacionada ao fato de ser um estado psicológico com o qual estamos acostumados a conviver, tornando-se algo comum. Contudo, “o afeto, entretanto, quando resulta da prática do amor, torna-se amorosidade, atitude que se reveste em um estímulo para o aprendizado, dando clareza e entendimento à consciência” (CUNHA, 2008, p.16.). A fim de proporcionarmos experiências significativas e potentes aos discentes, é importante refletirmos sobre o trabalho pedagógico por um viés afetivo que denomino, nesta pesquisa, como Pedagogia Afetiva.

Esta uma abordagem pedagógica que reconhece e valoriza a importância das emoções e dos relacionamentos na aprendizagem e no desenvolvimento musical dos estudantes. Ainda, proporciona um ambiente acolhedor e seguro, no qual os estudantes sentem-se confortáveis para expressar suas emoções, estabelecer vínculos positivos com os professores e colegas, e se engajar ativamente no processo de aprendizagem. A Pedagogia Afetiva se caracteriza como um modo de ser, estar e agir na docência em Música, buscando, portanto, promover uma educação mais humanizada, que considere a integralidade discente, contribuindo com o desenvolvimento em sua totalidade.

O amor fundido ao afeto, pode não ser a palavra que imediatamente associamos à ciência, método ou teoria. No entanto, é importante ressaltar que o afeto desempenhou um papel central no trabalho de pensadores que estabeleceram os fundamentos da Pedagogia Moderna. Entre esses, nenhum deu tanta ênfase ao amor, quanto Johann Heinrich Pestalozzi.

Para ele, a educação não se limita à assimilação de conhecimentos acadêmicos, mas envolve o cuidado e o desenvolvimento integral da criança, reconhecendo a importância dos aspectos emocionais e afetivos no processo de aprendizagem.

Neste contexto, é importante ressaltar que Pestalozzi não aborda o afeto alicerçado em um sentimentalismo piegas ou numa espécie de romantismo. Ele traz o termo denominado *amor vidente* e o define como uma “força elementar da moralidade” (PESTALOZZI, 1945:343). É importante que entendamos o sentido desse amor como sendo aquele que:

enxerga o outro como ele é – em sua singularidade, em sua essência divina, em suas potencialidades, em seus possíveis desajustes – é um amor que se entrega devotadamente ao desenvolvimento do educando, nunca desistindo, nunca desanimando, nunca considerando que uma criança, um adolescente ou um jovem possam ser considerados “casos perdidos” (INCONTRI, 2020, p.7).

O professor que se permite amar pedagogicamente se propõe a compartilhar uma prática pedagógica considerando as particularidades de cada estudante, repugnando manipulações e homogeneizações discentes. O amor pedagógico viabiliza o encantamento com a singularidade que resulta na diversidade coletiva em sala de aula, aliando-se a uma prática de liberdade, pois na autonomia se faz o ato pedagógico (INCONTRI, 2020). Nesse sentido, o amor pedagógico é o ponto central da Pedagogia Afetiva, pois compõe aspectos morais da docência, contribuindo para uma prática sensível, considerando o estudante como um ser autônomo, protagonista de seu processo de aprendizagem.

Saber Sensível

A sensibilidade desempenha um papel crucial na construção do conhecimento de mundo, promovendo a autonomia e a criação de diferentes perspectivas em face de um determinado assunto. Nesse sentido, a sensibilidade abrange a capacidade de perceber e sentir o mundo por meio dos sentidos físicos e emocionais, enriquecendo nossa compreensão e interação afetiva ou não, com o ambiente e com os outros. A partir da sensibilidade, o movimento de ensino e aprendizagem flutua entre a objetividade e subjetividade, proporcionando a interpretação de nuances, emoções e relações subjacentes aos conceitos. Desta forma, o aprendizado está relacionado com experiências pessoais, culturais e sociais, discentes e docentes, tornando o conhecimento de mundo mais significativo, imbricado à vida cotidiana.

Considerando estas reflexões no contexto da docência, o Saber Sensível refere-se à habilidade de *perceber* e *se perceber*, tendo em vista as dimensões emocionais e sensoriais dos processos de ensino e aprendizagem. Estas percepções se relacionam com o modo com que observamos e acolhemos as emoções dos estudantes, mobilizando e construindo caminhos permeados por relações afetivas de confiança, que impactarão no desenvolvimento discente. Além disso, o Saber Sensível nos leva a refletir sobre o reconhecimento da subjetividade, que permeando os aspectos impessoais, viabiliza a interpretação de nuances e emoções relacionadas às pessoas, espaços, momentos e conceitos.

Assim, podemos discutir o Saber Sensível como um conhecimento adquirido pelo professor ao longo da vida, necessário à performance docente em sala de aula. O caminho reflexivo construído a partir deste saber, compreende aspectos relacionados a uma dimensão humana, das interações que o indivíduo mantém com os outros e consigo mesmo. Como fundamentação teórica, me pauto na teoria das inteligências múltiplas proposta por Howard Gardner, psicólogo cognitivo e educador norte-americano, discorrendo acerca do Saber Sensível relacionado à prática pedagógico-musical em sala de aula, na perspectiva da Pedagogia Afetiva.

A partir da década de 1980, juntamente com sua equipe, Howard Gardner desenvolveu a Teoria das Inteligências Múltiplas, buscando analisar e descrever melhor o conceito de inteligência. Gardner propôs a existência de inteligências básicas o que fez com que essa teoria tivesse grande impacto na educação no início dos anos 90. A categorização estruturada por Gardner envolve: Inteligência linguística; Inteligência lógico-matemática; Inteligência espacial; Inteligência corporal-cinestésica; Inteligência musical; Inteligência interpessoal; Inteligência intrapessoal; e Inteligência naturalista. Para fins objetivos desta pesquisa, refletiremos acerca das inteligências *interpessoal* e *intrapessoal*, as quais estão paralelamente ligadas à concepção humanista que vimos desenvolvendo a respeito do Saber Sensível.

Segundo Armstrong (2001), a inteligência interpessoal envolve a capacidade de perceber e fazer distinções no humor, intenções, motivações e sentimentos das outras pessoas. Considerando isto, esta inteligência pode estar ligada ao *perceber*, um processo ativo e complexo que pode ser influenciado não apenas pelos estímulos sensoriais, mas também por nossas memórias, emoções, crenças, valores e contexto cultural. Quando percebemos algo, estamos construindo ativamente uma representação interna daquilo que experimentamos

através dos nossos sentidos. Portanto, o perceber não é uma simples tradução de estímulos sensoriais em informações objetivas, mas sim, uma interpretação subjetiva que gera significados a partir do Saber Sensível.

Paralelamente, a inteligência intrapessoal, proposta por Gardner, consiste na capacidade de identificar as próprias emoções e sentimentos, dominando-as favoravelmente. Segundo Armstrong (2001, p. 14-15), essa inteligência “pressupõe possuir uma imagem precisa de si mesmo (das próprias forças e limitações); consciência dos estados de humor, intenções, motivações, temperamento e desejos; e a capacidade de autodisciplina, auto entendimento e autoestima”. Por isso, se a inteligência interpessoal se relaciona com o perceber do outro e das questões que nos são externas, no contexto da inteligência intrapessoal temos a autopercepção, a qual denominei *se perceber*. Esta atitude pode se referir à tomada de consciência por meio dos sentidos físicos e emocionais, em relação a si próprio, considerando seus desejos, tendências, interesses, emoções, espaços, entre outros. Quando o sujeito tem esta inteligência desenvolvida, se percebe em seus comportamentos, em seu desejo de autoconhecimento, refletindo sobre seus erros e aprendendo com eles, mudando até seus comportamentos em benefício das pessoas com as quais convive ou se relaciona (BRENNAND; VASCONCELOS, 2005).

Diante disso, no contexto do *perceber* e *se perceber*, podemos partir do princípio de que o Saber Sensível na Pedagogia Afetiva, está relacionado tanto à forma como afetamos os estudantes a partir das práticas, além de como nos deixamos ser afetados e interagimos a partir desse afeto (LESSING, 2022). Na subjetividade da sensibilidade, podemos encontrar um saber que nos ligará ao conhecimento de mundo de forma mais humanizada e holística no trabalho com Música na escola.

Caminhos metodológicos

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem como instrumento de produção de dados a entrevista narrativa. Narrando e refletindo sobre si, sobre sua própria história, o autor se coloca diante de um maior entendimento de si, das suas experiências e das forças que contribuíram para sua formação como indivíduo e, no caso desta pesquisa, também como professor. A temática em discussão está intimamente ligada com as histórias de vida (JOSSO, 2007) presentes na prática docente dos professores. Sendo assim, o caminho percorrido foi construído a partir de entrevistas realizadas com cinco professores de Música, atuantes na Educação Básica, nos meses de fevereiro e março deste ano.

Segundo Clandinin e Conelly (2011, p.18) “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. A pesquisa narrativa se constitui em uma forma de compreender a experiência humana através do viver e reviver, contar e recontar. “O objeto de estudo da pesquisa narrativa são as histórias narradas. As pessoas precisam ser entendidas como indivíduos, que estão sempre em interação e sempre inseridas em um contexto social” (SAHAGOFF, 2015, p.2). Assim, a pesquisa narrativa oferece uma perspectiva única para explorar a complexidade das experiências humanas, proporcionando uma compreensão mais profunda e contextualizada dos indivíduos e suas histórias.

Para a realização das entrevistas foram convidados como colaboradores cinco professores de Música atuantes na Educação Infantil, Anos Iniciais e/ou Ensino Médio ** *****
***** do Rio Grande do Sul. O primeiro contato com os colaboradores aconteceu via *WhatsApp*, a partir do qual agendamos horários individuais para a realização das entrevistas, sendo quatro realizadas de forma presencial e uma online via *Google Meet*.

Considerando os objetivos gerais e específicos desta pesquisa, como procedimento analítico, utilizei a análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2011) no sentido de compreender as experiências de professores da área de Música no contexto da docência, envolvendo a Pedagogia Afetiva. Para isso, destaco que a análise textual discursiva é constituída de uma “metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES;

GALIAZZI, 2011, p.7). Este tipo de análise é embasado no exercício da escrita, ferramenta mediadora na produção de significados.

As categorias de análise da pesquisa emergiram dos objetivos e dos próprios dados, sendo: Afetar-se: compreensões em torno da Pedagogia Afetiva; e Um olhar dos professores sobre os Saberes Docentes. Neste artigo, apresentaremos um recorte da análise realizada na primeira categoria. Os nomes dos colaboradores serão mantidos no anonimato, sendo representados por pseudônimos escolhidos por eles.

Afetar-se: compreensões em torno da Pedagogia Afetiva

Afetar-se pode corresponder a sentir-se movido/tocado por algo, seja emocional, psicológica ou fisicamente, por uma situação, evento, pessoa ou circunstância. Os trizes e matizes de vida, cada centímetro de chão que pisamos, os lugares por onde passamos, pessoas que nos atravessam, compõem um pedaço da imensidão que estes momentos nos repercutem, sejam positivos ou negativos.

Entendendo o afetar-se na Pedagogia Afetiva, na prática pedagógica os estudantes podem ser afetados por uma infinidade de fatores, experiências cognitivas e emocionais, no contexto do aprendizado. Assim, cada minúcia que nos ocorre deixa-nos marcas, moldando e influenciando os processos de ensino e aprendizagem e os relacionamentos, tanto no aspecto intrapessoal como interpessoal.

Ao perguntar para Queen qual era sua concepção de Pedagogia Afetiva, sua resposta foi clara e sucinta: *Afetar-se*. Após este momento, Queen complementou:

Acho que inicia primeiro contigo, então primeiro eu tenho que ser afetada. Quando eu sou afetada, aí eu consigo pensar em afetar o outro. Tu só vai passar pro outro se tu sentir isso antes porque se tu não foi afetado como tu vai querer trazer o afeto, querer trazer esse tipo de relação se tu não se permite ser afetado. Então tudo inicia no afetar-se.

Tendo como base as narrativas apresentadas, o ato de afetar-se e afetar pode constituir um ponto de partida para compreendermos a Pedagogia Afetiva na perspectiva docente, como propulsor e fio condutor que permeia as relações e experiências ocorrentes no espaço escolar. Refletindo sobre este contorno narrativo, interpreto-o como um modo de atuação que traz o envolvimento docente de forma mais ativa, engajando-se em afetar os estudantes, sensibilizando-os ao conhecimento de mundo.

Suscitando reflexões, a professora Lia enfatiza a importância do conhecer o outro para se estabelecer ligações afetivas e efetivas na docência musical.

A partir do momento que tu conhece o teu aluno, tu consegue fazer uma ligação com ele. E acho que um ponto principal é tu ter essa ligação, conexão com o aluno. E eu acho que a partir disso de conhecer, conversar com teu aluno. Se relacionar com ele é uma parte afetiva.

Como mencionado por Lia, se relacionar implica em estabelecer ligações e conexões, elevando as relações para uma dimensão afetiva da docência. A partir disto, relações triviais podem ser organicamente aprofundadas na afetividade, abrindo caminhos para uma prática mais sensível. Em consonância, o professor Paulo Keys suscita uma importante reflexão, afirmando que as relações de amizade começam pelo conhecer. Ainda, o colaborador ressalta que esse processo viabiliza o interesse do estudante pelas práticas implementadas pelo professor.

A Pedagogia Afetiva para nós, músicos, vai além do musical. Passa pra uma relação que tu vira amigo, tu começa a conhecer da pessoa e a pessoa começa a falar da vida pra ti.

A partir da narrativa de Paulo Keys, podemos compreender que a relação de amizade é precedida por um vínculo de confiança, originado do fator identificação existente nas relações humanas. Na mesma linha de pensamento, cabe mencionar o entendimento de Margarida sobre a Pedagogia Afetiva, emergindo na perspectiva da imagem que o professor transparece aos seus estudantes.

Se eu tenho aluno que vai pra aula sem calçado no inverno, que vai de chinelo de dedo, eu vou ir toda arrumada pra dar aula? Eu já sinto que começa por aí essa relação da Pedagogia e afetividade. Você se colocar em par de igualdade com o estudante, pra você entender como funciona aquela pessoa, pra você ter uma troca de verdade.

Novamente, afetar-se! Comumente, as relações de afeto são pautadas por falas voltadas ao contato físico, convívio, palavras que afagam etc. Contudo, esta pesquisa parte do princípio de que a Pedagogia Afetiva é um modo de ser que vai além das demonstrações de carinho. Margarida foi afetada pelo contexto social de seus estudantes, pela carência de roupas para ir à escola. Tendo estas percepções em vista, Margarida sentiu-se comissionada a buscar e desenvolver uma imagem com a qual seus estudantes pudessem se identificar. Uma postura que colocasse professora e estudantes em lugares iguais. O afetar-se faz isso com a gente! A humanidade na docência mobiliza as relações afetivas. Como mencionado por Margarida, por

aí começa a Pedagogia Afetiva, levando à construção de novos saberes, tanto para o professor quanto para o estudante.

A partir do momento em que o aluno se identifica com o professor, com sua imagem, abordagem e ideias, tem início a construção da ponte de afinidades, promovendo a alegria e o bem-estar, tanto em relação ao professor quanto aos conhecimentos musicais que estão sendo desenvolvidos (LESSING, 2022, p. 70).

A prática pedagógica que leva em consideração as relações afetivas carrega esse caráter aglutinador, conciliando os aspectos cognitivos e emocionais, tendo por base as aproximações entre professor e estudante. No mesmo sentido, a professora Antônia reforça em suas narrativas a Pedagogia Afetiva como base para a construção de conhecimentos e atuação docente.

Então, para mim Pedagogia Afetiva é a base da Pedagogia. É o começo, o meio e o fim. É como tu vai conseguir fazer todas as outras coisas. Eu acredito muito que a afetividade vai envolver e vai costurar tudo que se faz em sala de aula. É o que vai preencher os espaços.

A narrativa de Antônia destaca a Pedagogia Afetiva como a essência da prática pedagógica e do exercício docente. Ao se referir à abordagem como começo, meio e fim, sugere que a afetividade é o alicerce sobre o qual todo o processo educacional se sustenta. Ainda, em sua fala Antônia traz os afetos como o elemento que preenche os espaços. No sentido da narrativa, a afetividade compõe e permeia a prática docente nas minúcias e nas sutilezas. Pensando nisto, a Pedagogia Afetiva compõe um modo de ser, agir e estar na docência em Música, fundamentando as práticas educacionais e levando em consideração este caráter humanizador. Assim, como professores somos comissionados a nutrir mentes e corações a partir de um caminho: afetar-se.

O afeto na prática

É importante assinalar que a formação experiencial da Pedagogia Afetiva é refletida no modo com o qual os professores mobilizam o afeto em suas docências. A partir disto, aponto cinco caminhos possíveis de se mobilizar a Pedagogia Afetiva nas práticas docentes musicais, evidenciados pelas narrativas dos professores participantes. Para isto, a partir de uma cuidadosa leitura das narrativas, a prática afetiva foi entendida pelos colaboradores, considerando, principalmente: o lugar da escuta; a prática em conjunto; o trabalho coletivo; o

equilíbrio entre a firmeza e o ser afetivo; e o amor pela profissão, aspectos fundamentais para se pensar uma prática afetiva e efetiva na escola.

Com isso, percebe-se que cada docência é uma docência. As identidades docentes constituem formas sociais que tecem abordagens individuais em favor de saberes discentes coletivos. Os modos de ser, estar e agir em sala de aula, resultam de diferentes contextos educacionais, construídos sob afetos e desafetos, em todos os âmbitos, constituindo as ambiências e suas singularidades. Esses espaços mobilizam dinâmicas que não se repetem de maneira idêntica em outro ambiente, tendo em vista as singularidades das demandas.

Isto quer dizer que, não há escopos que estruturam uma única maneira ou uma abordagem padronizada de ensino, ainda mais no contexto da Pedagogia Afetiva. Pelo contrário, as práticas pedagógicas se caracterizam em sua personalidade, refletindo nuances e significados distintos. Assim “a mesma diversidade que constitui os encontros e a convivência entre singularidades humanas promoverá, também, produções coletivas diversas, próprias, com características muito específicas a cada grupo humano, micro ou macro estruturalmente organizados” (CARDIERI, 2013, p. 31).

O trabalho com narrativas pode nos levar/trazer diferentes estruturas de lógica e pensamentos. Nessa perspectiva, após um intenso exercício de ressignificação, compreendi que a aproximação das perspectivas práticas no que tange à docência pedagógico-afetiva, se dá pela relação de diferença existente entre elas, uma vez que cada professor carrega uma compreensão afetiva que lhe é muito particular e não tangível. Esta se reflete na mobilização dos afetos nas práticas pedagógicas a partir de diferentes modos de ser, estar e agir na docência, resultantes de diferentes contextos educacionais, construídos sob afetos e desafetos. Assim, a semelhança está no diferente. É nessa diversidade que se encontram as valiosas sutilezas do ensinar e aprender.

Breves considerações finais

As discussões em torno da Pedagogia Afetiva à luz do Saber Sensível, dispararam reflexões e aproximações entre dimensões teórico-práticas do ser docente, considerando aspectos subjetivos e não tangíveis do ensinar e aprender, ainda timidamente discutidos no contexto acadêmico. As entrevistas narrativas com professores de Música, enfatizaram que a

Pedagogia Afetiva se caracteriza como um modo de ser, agir e estar na docência, levando em conta as singularidade e nuances das práticas educativas.

Neste recorte da pesquisa, trouxemos o professor de Música e suas compreensões acerca da Pedagogia Afetiva nas práticas docentes por um viés teórico-prático. No caminho percorrido entre narrativas e interpretações, o afetar-se foi percebido como o sentir-se movido/tocado por algo, seja emocional, psicológica ou fisicamente, por uma situação, evento, pessoa ou circunstância. Entendendo o afetar-se na Pedagogia Afetiva pela perspectiva dos professores, podemos ser afetados por uma infinidade de fatores, experiências cognitivas e emocionais no contexto do aprendizado. É neste movimento de experiências e experimentos que as concepções sobre afeto/Pedagogia Afetiva começam a tomar formas diferentes em cada docência, uma vez que cada professor carrega uma compreensão afetiva que lhe é muito particular e não tangível. Em face disso, é importante assinalar que o "afetar-se" não é apenas uma reação emocional, mas um processo complexo que integra experiências cognitivas e emocionais, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem, fortalecendo os laços a partir de trocas cognitivas e afetivas.

Referências

ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências Múltiplas na sala de aula*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BRENNAND, Edna Gusmão de Goés; VASCONCELOS, Giuliana C. O Conceito de potencial múltiplo da inteligência de Howard Gardner para pensar dispositivos pedagógicos multimidiáticos. *Ciências & Cognição*; Ano 02, Vol. 05, 2005, p.19-35. Disponível em: www.cienciasecognição.org. Acesso em: 24/10/2023.

CARDIERE, Elisabete. *O Reconhecimento Da Singularidade Na Escola: A Escuta E A Prática Educativa*. *Rev. Simbio-Logias*, V.6, n.9, dez/2013. Disponível em: < [o_reconhecimento_da_singularidade.pdf](#) (unesp.br)> Acesso em: 02/05/2024

CLANDININ, D. Jean.; CONELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CUNHA, Antônio Eugênio. *Afeto e aprendizagem: amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

INCONTRI, Dora. *Conceito de criança - de Platão a Pestalozzi: Um resgate do amor pedagógico*. ABPE. 2020. Disponível em: < [Conceito_de_crianca_de_Platao_a_Pestalozzi20200524-120344-gklb77-libre.pdf](#) (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)> Acesso em: 17/05/2024

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

LA TAILLE, Yves de. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992

LESSING, Thaynara Lima *Interações afetivas no contexto do estágio em Música: narrativas de práticas*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Música-Licenciatura. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 38, 2022.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. *Gesammelte Werke in zehn Bänden*. Zurique, Rascher Verlag, 1945, vol. 10, Geist und Herz der Methode.

SAHAGOFF, Ana. *Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana*. In: XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, RS. 2015.